

## NÃO VALE NEM R\$1,99: UMA ABORDAGEM DO VALOR DAS COISAS

JOANA SCHNEIDER<sup>1</sup>; HELENE GOMES SACCO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – joana.sch@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está em fase inicial e vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, na linha Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, da Universidade Federal de Pelotas. Neste trabalho, será apresentado o projeto artístico *Não vale nem R\$1,99*, experimentado embrionariamente em 2015 durante o Bacharelado em Artes Visuais e que recentemente foi retomado para fomentar as discussões desenvolvidas no mestrado. Será dado enfoque nos aspectos metodológicos do projeto de pesquisa em arte e nos resultados obtidos na experiência piloto deste projeto artístico, visto que estes resultados foram fato gerador das questões que serão desenvolvidas nos próximos anos de trabalho. Tendo como referência as lojas de R\$1,99 - que foram muito populares no Brasil na década de 90 e eram conhecidas como lojas de produtos diversos e de baixa qualidade – este projeto artístico procura resgatar o valor *R\$1,99* e seu significado popular pejorativo para, a partir da compra de objetos e da produção de narrativas, questionar qual é de fato o *valor* das coisas na nossa sociedade. Da contradição entre *valor monetário* - da compra - e *valor subjetivo* - da narrativa – resulta uma problematização sobre o próprio conceito de valor. *Quanto vale um objeto e como este valor é agregado* é a questão norteadora desta pesquisa poético teórica.

Uma das principais referências desta pesquisa é o trabalho da artista e colecionadora Rosângela Rennó. As coleções de Rosângela Rennó se fundamentam no seu desejo de reunir e de atribuir valor aos restos, as “sobras da cultura”. Para isso, ela recupera o que restou dos sentidos das coisas e as abre para sentidos novos. Assim o faz em seu trabalho sabiamente intitulado *Menos-valia* [leilão], de 2010, que tem como fonte de matéria-prima objetos em situação de *segunda vida* (DEBARY, 2010), comprados em feiras de rua ao estilo Mercado das Pulgas. A artista garimpa objetos nestes locais, faz as modificações que julga adequadas e depois revende tudo em leilão. Geralmente os objetos são arrematados por quantias razoavelmente superiores às quais foram adquiridos, ou seja, é *agregado valor* ao objeto através do *trabalho* da artista. No título, a artista usa de ironia e brinca com o conceito marxista de *Mais-valia*, justamente o rendimento que está associado a força do trabalho. Sobre os quase restos, o trabalho e a atribuição de valor, Rosângela coloca que:

A ideia da margem nos meus trabalhos corresponde ao que quase pula pra fora do circuito dos objetos. O que quase vai para o lixo. Interesse-me por esse material, pois me leva a pensar em que medida posso determinar que uma coisa não serve para absolutamente mais nada. Trata-se de uma atribuição de valor, e meu trabalho sempre começa pelo questionamento da atribuição de valor. (Rennó, 2003, p.15).

Ao contar a história do sobretudo de Karl Marx, Stallybrass, em *O casaco de Marx: roupa, memória, dor*, ilustra muito bem a complexidade das relações envolvidas na atribuição de valor sobre os objetos. O autor coloca que, em função

da terrível situação financeira da família de Marx, seu sobretudo entrava e saía da casa de penhores nos anos 1850 e 1860. Acontece que sem o sobretudo, Marx não conseguia entrar no Museu Britânico no inverno e, consequentemente, não conseguia fazer suas pesquisas. Ou seja, “As roupas que Marx vestia moldavam, assim, o que ele escrevia” (STALLYBRASS, 2016). O *casaco de Marx* evidencia o caráter de *atores sociais* (LATOUR, 2015) dos objetos, na medida em que, além de seu aspecto utilitário de vestir e proteger do frio, o sobretudo tinha um valor monetário - o atributo que interessava para a casa de penhores - e fazia parte das relações de poder da época, representava um *status* social e, por isso, podia garantir ou limitar o acesso a determinados espaços. Nesta medida, além de todos os valores agregados aos casacos em geral, este sobretudo específico, ao permitir a entrada de Marx no Museu Britânico, valeu - e vale até hoje - *O capital*.

O principal objetivo do projeto *Não vale nem R\$1,99* é, a partir da produção artística e do estudo dos modos de uso dos objetos na arte contemporânea, fazer uma abordagem sobre o valor das coisas na arte e sociedade pós-moderna. Assim, é indispensável a aproximação com *O capital*, obra que dedica especial atenção ao conceito de valor e, segundo STALLYBRASS (2016), “segue os rastros das migrações de um casaco, visto como mercadoria, no interior do mercado capitalista.”.

## 2. METODOLOGIA

A proposta metodológica é retomar e desenvolver o projeto artístico *Não vale nem R\$1,99*, processo que se inicia com a compra de 199 objetos usados em locais de recirculação, como antiquários, feiras de rua, sebos, brechós e biques. O valor monetário máximo a ser gasto na compra de cada objeto é de R\$1,99, ou seja, o orçamento para esta fase do trabalho é de R\$396,01. Superada a etapa de compras, a partir dos objetos serão criadas 199 narrativas ficcionais curtas, pequenas histórias que apresentam uma espécie de passado inventado para estes objetos que já foram usados e, por isso, já tiveram experiências com pessoas. Ou seja, é pelo viés dos objetos que os personagens humanos serão apresentados nas narrativas. Aspecto relevante que será observado na produção textual é a apropriação de termos usualmente adotados pela publicidade, tais como: “compre já”, “ainda dá tempo”, “aproveite”, “não perca”. Os recursos da publicidade também serão adotadas na apresentação visual do projeto, já que as narrativas serão publicadas individualmente e posteriormente reunidas em um livro/catálogo em formato a ser definido. Por fim, o projeto também resultará em uma exposição individual e uma das possibilidades para a montagem é o formato de feira/leilão onde a produção será exposta e os objetos/narrativas possam, de alguma maneira, ser comercializados.

Paralelamente ao fazer artístico, será desenvolvida pesquisa poético teórica, na qual serão trabalhados artistas e autores que tratam das questões emergentes do processo de criação e das linguagens utilizadas. O ponto de partida para a pesquisa em arte serão autores e artistas que abordam questões que já estão evidentes no projeto, tais como: o conceito de valor e as formas de agregação de valor, os objetos como atores sociais e evocadores de memória, narrativas, sociedade de consumidores, cultura de massa e publicidade. Contudo, como a pesquisa está condicionada ao andamento do trabalho artístico, é certo que ao longo do processo novas questões surgirão e deverão ser apreciadas na dissertação.

Parte importante da metodologia é o processo de inventário destes objetos. As informações de cada objeto serão catalogadas em fichas de coleta (Figura 1)

contendo os seguintes dados: número (que obedecerá a ordem de compra), fotografia, objeto (podendo informar tipologia e alguma característica: sapato vermelho ou xícara quebrada, por exemplo), local, valor e data de compra, título da narrativa e narrativa (últimas informações a serem inclusas).

DADOS DE COLETA	
 <p>NÚMERO DE OBJETOS: 199 GASTO MÁXIMO INDIVIDUAL: R\$1,99 ORÇAMENTO TOTAL: R\$396,01</p>	<p>Objeto: _____</p> <p>Local de compra: _____</p> <p>Valor da compra: _____</p> <p>Data da compra: _____</p> <p>Título da Narrativa: _____</p> <p>Narrativa: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>Foto</p>

Figura 1: Ficha de dados de coleta. Acervo da autora, 2019.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência piloto deste projeto realizada em 2015 reuniu 10 objetos e narrativas. Estes objetos não foram inventariados e, na época, não houve a preocupação com o registro dos dados, como valores gastos e locais de compra. Contudo, o valor máximo de R\$1,99 foi um critério rigorosamente respeitado e ocasionou a compra de diversificados tipos de objetos: uma xícara, um grampo de cabelo, dois broches, um jogo de agulhas, dois livros, uma bolsa, uma fita VHS e o gatilho que gerou a narrativa a seguir (Figura 2).

Gatilho	
	<p>Este é um gatilho que não quer matar. Por algum motivo não desvendado, em toda a sua existência, ele sempre falhou.</p> <p>Estava tudo tecnicamente em ordem, a mecânica da arma estava perfeita, mas ela não funcionava. Simplesmente não funcionava! Vários donos diferentes, inúmeras tentativas, nenhum tiro. Muitas décadas de mistério.</p> <p>Até que, um dia, Joaquim, seu trigésimo segundo dono, teve uma ideia. Trocou o gatilho e... BUM! A arma disparou. Ele concluiu: a culpa era do gatilho.</p> <p>Ele não queria matar.</p> <p>Leve, por menos de R\$1,99, o peso de todas as vidas que este gatilho não tirou.</p>

Figura 2: Fotografia e narrativa do gatilho. Acervo da autora, 2015.

Na etapa de compra desta experiência piloto, observou-se as negociações simbólicas que acontecem nos locais de recirculação. Os diálogos com os vendedores - muitos deles colecionadores – constituíram uma oportunidade de troca e renderam muitas possibilidades de narrativas porque, como se pôde observar, para estes tipo específico de comerciante a história agrega muito valor à coisa. Assim, cada narrativa já começou a ser criada no encontro com o objeto, com os espaços de recirculação e, é claro, com as pessoas que habitam estes espaços. É importante salientar a riqueza visual destes locais que, diferente dos estabelecimentos comerciais tradicionais, estão em constante transformação. As coisas são muito diferentes entre si – pois estão fora do comércio de produção seriada – e aquilo que chega vai ocupando os espaços do que é vendido, ou seja, os objetos se movimentam preenchendo as paredes e prateleiras numa organização que nunca é a mesma. Aproveitando esta forma particular de organização, que através da repetição gera uma textura, foram fotografadas as prateleiras repletas de objetos nos antiquários, os móveis amontoados nos briques, os objetos organizados sobre tecidos nas feiras. Por fim, esta forma de organização das feiras foi referência para a montagem que se deu para concluir este experimento inicial. No ateliê, o material gerado (objetos, narrativas e fotografias) foi reunido sobre um tecido estendido no chão. Todo o material impresso estava nas cores preto, vermelho e amarelo. Nesta oportunidade houve também a leitura das narrativas para os colegas presentes.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos na experiência piloto, principalmente nos momentos de diálogo com os comerciantes e na leitura coletiva das narrativas, percebe-se o potencial do projeto *Não vale nem R\$1,99* de gerar uma atribuição de valor aos objetos através da “contação de história”. Contar significa narrar enredo, relatar história. Contar também significa fazer conta, calcular. Stallybrass lança um novo olhar sobre um casaco ao *contar* um pequeno fragmento da história de Marx – que vivia *contando* seu pouco dinheiro na casa de penhores. Rosângela Rennó, por sua vez, ao *contar* sobre a ideia de margem em seus trabalhos, está tratando da atribuição de valor para aquilo que quase não *conta* mais. A verdade é que ao contar - histórias ou moedas – pode-se chegar a várias possibilidades de valor. Neste sentido, o projeto *Não vale nem R\$1,99*, pelo viés da arte, pode vir a contribuir com o estudo dos valores do nosso tempo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEBARY, Octave. **Segunda mão e segunda vida**: objetos, lembranças e fotografias. p.p.27-45. In: Revista Memória em Rede. Pelotas, v. 2, n. 3, ago-nov. 2010.
- LATOUR, Bruno. **Uma sociologia sem objeto?** Observações sem a interobjetividade. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 5, n. 10, ano 5, dezembro de 2015.
- MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- RENNÓ, Rosângela. **Depoimento**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2003.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.